

CRÍTICA

Os ataques preciosos de Ana Telles

PEDRO BOLÉO 12/05/2009 - 00:00

SOLISTAS DO SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE ★★★★★☆

Miso Music em residência no Instituto Franco-Português.

Ana Telles é uma grande pianista. Desta vez era a solista em destaque do Sond'ar-te Electric Ensemble, num concerto só para piano e electrónica. Com uma preparação excelente e um conhecimento apurado da música que ia tocar, Ana Telles ofereceu aos espectadores quatro momentos intensos e valiosos no auditório do Instituto Franco-Português.

A forma de tocar de Ana Telles fugiu a toda a produção normalizada - de linguagem empobrecida - de alguma música contemporânea. A sua interpretação não foi nunca redutora, compreendendo bem as "linguagens" dos compositores, mas não as reduzindo a uma só forma de expressão ou a um "estilo". Ana Telles não se ficou pela primeira impressão - foi tirar as coisas a limpo, foi ao fundo das questões que as peças colocavam, à procura do peso, da dinâmica, dos ataques e dos gestos certos que pediam as partituras - e encontrou. As peças do programa tinham em comum a presença da electrónica, em diferentes modos de interacção com o piano. Ana Telles começou com In Tempore, de João Pedro Oliveira, uma bela peça de uma coerência surpreendente, tendo em conta que o seu "motivo" é precisamente jogar com a incoerência do tempo, criando um outro tempo a partir da relação com a electrónica. Estendendo ou comprimindo o tempo, In Tempore abre um enigma que a intérprete percorreu e desvelou com enorme precisão e sensibilidade.

Depois veio De L'Étant Qui le Nie ("Do ser que o nega") de Miguel Azguime, uma peça de 1998 com electrónica ao vivo, que transforma o piano, desde o início, numa espécie de piano mutante. Uma obra de onde não está ausente a violência - fortíssimos ataques a que Ana Telles deu um peso particular, e vários clímaxes numa sucessão de "ideias-som" que a intérprete tornou em qualquer coisa de espectacular, de uma nota aguda repetida violentamente com o indicador a clusters atacados no piano com o antebraço. As duas primeiras obras mostravam também uma aguda consciência histórica, propondo transformações radicais do piano, ao mesmo tempo que citavam ou incorporavam gestos pianísticos historicamente localizáveis - imaginem se Beethoven e Rachmaninoff tivessem agora computadores à disposição...

A seguir ao intervalo, o interessante Duetto I de Carlos Caires, que começa apenas com o som do piano a solo, para depois estabelecer um diálogo com a electrónica em tempo real e com uma parte fixa (preparada em estúdio). E finalmente a peça Cadências e Interlúdios/Percurso I do galego Enrique X. Macías (1958-1995), uma belíssima reflexão sobre a solidão do piano num confronto "de câmara" com a electrónica. A certa altura um acorde perfeito é ensombrado por um espectro electrónico, uma espécie de fantasma do futuro. Mas no fim o acorde perfeito já não é uma nostalgia da música do passado, aparece como algo inquietante, familiar e estranho ao mesmo tempo. Há pequenos acontecimentos que são muito preciosos. Foi o caso deste concerto com um muito bom programa de música contemporânea, e com os ataques rigorosos de Ana Telles, uma pianista brilhante.

COMENTÁRIOS

Os comentários a este artigo estão fechados. **Saiba porquê.**